



# U

texto original e encenação

**Joana Magalhães**

criação

**Comédias do Minho**

a partir de *Ulisses*  
de **Maria Alberta Menéres**

cenografia e figurinos  
**Catarina Barros**  
vídeo

**André Martins**  
desenho de luz  
**Vasco Ferreira**

interpretação  
**Isabel Carvalho**  
**Ivo Romeu Bastos**  
**João Costa**  
**Tiago Araújo**

produção  
**Comédias do Minho**

estreia **4Fev2019**  
Casa da Cultura (Melgaço)  
dur. aprox. **1:35**  
**M/10 anos**

**Teatro Carlos Alberto**  
**6-9 fevereiro 2020**  
quí+sex **15:00**  
sáb **19:00**  
dom **16:00**

# Liberdade-Democracia-Extinção

Joana Magalhães



U de Ulisses  
U de utopia  
U de urgência  
U de emergência  
U de urso polar

*U* surge de uma pesquisa realizada em torno de duas figuras simbolicamente carregadas: o herói e o ditador. E dos contextos sociais, políticos e de “espírito” que promovem a adesão a esta mesma simbologia. A *Odisseia*, de Homero, é o objecto a partir e com o qual esta pesquisa se desenvolve. Considerada por muitos a maior epopeia alguma vez escrita, narrando a história de um prodigioso herói, Ulisses, foi sujeita a múltiplas interpretações e adaptações, quase sempre revistas à luz do seu herói. É o caso da obra *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres, uma adaptação para a infância deste clássico. *U* é uma adaptação livre desta adaptação, que por sua vez é uma adaptação livre da *Odisseia*, que por sua vez é uma adaptação livre de toda a memória grega antiga. Não é uma *matrioska*, é um palimpsesto. Contém todas estas histórias mas já não conta nenhuma delas. Conta a sua. Contrariando a tendência unívoca da história única, que glorifica os heróis e os seus feitos, nesta adaptação faz-se um desvio maior, optando-se não por uma tradução, mas por uma intercepção, um diálogo da obra com o conto *A Educação de Um Ditador*,

alegoria do tempo actual, representada num universo imaginário dividido entre animais domésticos e animais selvagens. Este conto narra a ascensão de um líder num contexto de “servidão ordenada, calma e amena” de um povo, forma exterior de liberdade. É colocado em cena numa ilha, não estivéssemos a falar da Grécia, início e fim (?) da democracia. Os intérpretes, quais deuses, manipulam os intervenientes desta epopeia, que é também a epopeia de U. — *Quem és tu? — Ninguém*. Quando U abandona a ilha e se lança ao mar, inicia-se a sua odisseia, se adoptarmos o significado mais amplo da expressão, que passou a conceituar, em quase todas as línguas do Ocidente, uma espécie de viagem heróica, geralmente pelas veredas interiores, constituindo uma verdadeira trajectória de autoconhecimento. Aqui, os deuses desaparecem e os intérpretes são os executantes do seu próprio *pathos*, desgarrados em cena em modo de recreio – vale tudo menos morrer – antes de chegar a casa. E que casa? Neste exercício de contar e recontar, inventam-se significados, reavivam-se memórias e desconstroem-se mitos. Aproveita-se para pôr em perspectiva conceitos como o de liberdade, democracia, herói e, em última instância, o da verdadeira catástrofe, a de Penélope.

*Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.*

ficha técnica TNSJ  
produção executiva  
Eunice Basto  
direção de palco  
Emanuel Pina  
adjunto do diretor de palco  
Filipe Silva  
direção de cena  
Cátia Esteves  
luz  
Filipe Pinheiro (coordenação)  
Adão Gonçalves  
Alexandre Vieira  
José Rodrigues  
Nuno Gonçalves  
Rui M. Simão  
maquinaria  
Filipe Silva (coordenação)  
Adélio Pêra  
António Quaresma  
Carlos Barbosa  
Joaquim Marques  
Joel Santos  
Jorge Silva  
Lídio Pontes  
Paulo Ferreira  
som  
João Oliveira  
vídeo  
Fernando Costa

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ  
Câmara Municipal do Porto  
Polícia de Segurança Pública  
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

agradecimentos Comédias do Minho

MIRA  
ARTES PERFORMATIVAS  
Hugo Cruz  
João Barreto

edição  
Departamento de Edições do TNSJ  
fotografia André Martins  
modelo gráfico Dobra  
paginação Marta Ramos  
impressão Greca – Artes Gráficas, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.